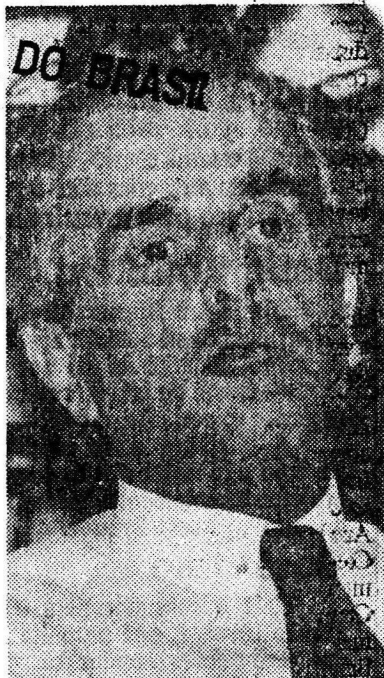


Dívida Externa Credor quer explicações para aderir à conversão

13 DEZ 1987
Arquivo — 3/02/84

Sônia Araripé **JORNAL**



Roberto Teixeira da Costa

Apesar de o projeto de conversão da dívida externa em capital de risco ter sido divulgado no dia 17 de novembro, a maioria dos bancos credores e investidores estrangeiros que compraram títulos da dívida brasileira no mercado secundário continua em compasso de espera. O seminário Fórum Internacional Business Week, realizado esta semana em São Paulo, como o apoio do JORNAL DO BRASIL, reunindo cerca de 350 representantes de bancos credores, empresários e consultores de investimentos, serviu como um excelente termômetro para diagnosticar o motivo desta paralisação.

A principal razão apontada pelos dirigentes de bancos credores e empresários são as dúvidas em relação ao projeto de conversão. Nenhum representante de banco credor entendeu o que o Banco Central — e, em última instância, o governo — pretende com as exigências dos itens III e IV, que falam de “modificações contratuais”. Muito menos como serão o lançamento de bônus e os leilões dos títulos. As regras finalmente saíram, mas as questões não foram respondidas. E tudo indica que dificilmente os credores irão converter dívida em investimento de risco antes de decifrar o que não ficou bem explicado no projeto.

— Nunca vi nenhum banqueiro assinar cheque em branco — disse o vice-presidente do NMB Bank (Nederlandsche Middenstandbank nv), em São Paulo, Willem D. Naves. O grande receio dos bancos credores é que estas “modificações contratuais” acabem inviabilizando as operações de conversão. Eles temem que, na hora da renegociação da dívida externa, seja exigido que o banco credor aceite negociar a longuíssimo prazo, com *spread* (taxa de risco) praticamente zero.

— Dificilmente os bancos credores vão fazer conversão sem saber exatamente o que está por trás deste projeto”, comentou Nicholas Reade, diretor em São Paulo do maior credor não-americano do Brasil, o banco inglês, Midland Bank. Com US\$ 2 bilhões de dólares a receber, ainda nem definiu quanto poderá converter em investimentos de risco.

Outro fator que está emperrando a conversão é a prioridade para projetos no Norte e Nordeste, explicou o dirigente do Continental Illinois Bank, Alberto Luzaraga, que tem a receber cerca de US\$ 500 milhões. “O melhor é que não houvesse privilégios para certa região ou certos setores”, comenta. A idéia de leilões para definir o deságio (desconto sobre o valor do título da dívida) para cada projeto foi aplaudida pelos credores. Mas ainda res-

tam dúvidas sobre como acontecerá na prática.

— O projeto é muito bom, mas ainda não funciona, criticou o diretor do Citicorp (maior credor norte-americano), Richard Huber. A grande dificuldade dos representantes dos bancos credores é convencer os diretores no exterior de que, ao final da *novela* será feliz, rendendo ótimos lucros. Willem Naves, representante do NMB, que tem pequeno crédito a receber — US\$ 100 milhões —, contou como os aplicadores estrangeiros estão olhando o Brasil de hoje como opção de investimento:

— Você chega para um credor ou investidor em potencial e fala que o Brasil tem um grande futuro. Explica que daqui a dois ou três anos o investimento no Brasil vai dar ótimo retorno. Sabe qual é a resposta? Eles dizem para você voltar daqui a dois ou três anos.

O diretor do Banco Bozano Simonsen, Geoffrey Langlands, tem viajado periodicamente ao exterior à procura de investidores que acreditem no Brasil como aplicação de retorno garantido. Já encontrou muitos, mas observa que há grande receio em relação ao quadro político. Os banqueiros temem que a Constituição saia muito rigorosa em relação aos investimentos estrangeiros.

“Este quadro poderá mudar rapidamente”, confia o presidente da Brasilpar, Roberto Teixeira da Costa, ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM).